

Alguns factos sobre o Dr. da Tanaza

*“Por causa de ti, matei o meu irmão!
Por causa do meu irmão, mato-te a ti!”*

por

Domingos Diogo Correia

Ao contactar com alguma bibliografia acerca da aldeia deparei-me com uma história bastante curiosa passada em Malpica; o romance *Maldição e Luz* descreve essa história, à qual João Diogo Correia faz uma crítica no folhetim “O Dr. da Tanaza” (ao costume e índole dos malpiqueiros, e não aos factos concretos do sucedido). Recolhi o testemunho desse “conto” junto de alguns populares, que conheciam a história e alguns factos “verídicos”, embora desconhecassem a maior parte dos factos.

O imaginário popular foi criando uma nova narrativa, e nem mesmo no folhetim mencionado João Diogo Correia se adianta muito acerca dos acontecimentos; em 1951 consulta alguns populares, mas são poucos os dados que nos fornece: o segundo crime data de 1878; o nome da personagem principal feminina é Maria Loura, sendo que o apelido do pai é Louro, e a mãe se chama Joana Dias; a vítima do erro judiciário é João Soares, filho de Francisca Cecília; conseguiu ainda apurar que o “Dr. da Tanaza” se chamava João Afonso e seu irmão Matias Afonso (não conseguiu recolher o nome dos pais). A partir destes dados, pesquisei todos os factos relacionados com este crime, quer no arquivo da Junta Paroquial de Malpica (que havia recolhido e inventariado), quer no Arquivo Distrital de Castelo Branco. O meu objetivo principal era procurar os fundamentos do conto em causa, bem como os factos verídicos acerca das personagens e da trama com elas relacionada.

Consegui apurar os seguintes dados:

- O “Dr. da Tanaza” chamava-se João Afonso Correia e nasceu em 1852 ou 1853. Tinha 18 ou 19 anos quando “presumivelmente” matou o irmão, Matias Afonso Correia, que tinha 22 anos na altura do crime (nasceu ou em 1848 ou em 1849). Eram filhos de José Afonso da Gama (já falecido em 1871, e talvez mesmo antes de 1860) e de Joana Correia (filha de José Rodrigues e de Maria Correia), que morre a 3 de Maio de 1898.

- Maria Loura era filha de José Lopes Pequeno - ou José Louro - e de Joana Dias, tendo nascido em 1854 ou 1853; casou com João Afonso Correia a 2 de Setembro de 1874.
- O primeiro crime aconteceu na manhã do dia 27 de Setembro de 1871, numa horta sita na “eira do milho” (horta do atoleiro). Matias Afonso Correia (que na data do crime tinha 22 anos) foi vítima de um golpe de machado na cabeça.
- O segundo crime data de 11 de Abril de 1878, sendo que Maria Loura foi vítima de uma “sachola”, que a desferiu na cabeça, num lugar denominado “horta das laranjeiras” (Vale Covo), às duas horas da tarde. Outrossim, João Afonso Correia já havia sido remetido para o Juiz Ordinário de Monforte a 12 de Março de 1878 (um mês antes do crime), por ter agredido gravemente sua mulher, Maria Loura, durante a madrugada.
- O regedor da altura do primeiro crime era José Pires Ruivo Beato, e o pároco era o vigário Francisco Pires Ribeiro; na data do segundo crime era regedor João Diogo da Gama (que assumiu o cargo nesse ano) e o assento de óbito da vítima foi assinado pelo “pároco encomendado” Manuel Ribeiro.
- Nada consegui apurar de João Soares, provavelmente por não ser esse o seu nome de baptismo; como João Diogo Correia refere o nome de Francisca Cecília como mãe de João Soares, consegui apurar apenas a data de óbito desta, a 28 de Maio de 1904 (viúva de António Nogueira, que nasceu a 12-2-1816, filha de João Vicente Givelho e de Cecília Pereira, casados a 31-12-1821).

RESUMO DOCUMENTADO DO CONTO

Este episódio passado no século XIX, que marcou a memória colectiva não só pelo bizarro fratricídio e homicídio violentos, mas também pelo erro judiciário cometido contra João Soares (de notar que em Malpica não há memória de qualquer outro crime de tão grave índole), tem por protagonista João Afonso Correia, que tinha a alcunha de “Dr. da Tanaza”.

Matias Afonso Correia, irmão daquele, e Maria Loura apaixonam-se, certa vez, num baile. Encontrando-se João Soares a dançar com Maria Loura, Matias pede licença para formar par com a rapariga. João e Matias travaram-se de razões, acabando por se envolver em cenas de pancadaria. Esta seria uma cena vulgar, não tivesse havido a ameaça de João: “*Hei-de cortar-te a cabeça como se corta a uma rês!*”.

O facto é que Matias Afonso Correia é encontrado morto, nas seguintes circunstâncias:

“Auto de Notícia

Ill.mo e Excelentíssimo Senhor, Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.^a Ex. que hoje, 27 do corrente pelas 7 ½ horas, pouco mais ou menos, veio a esta Regedoria Joana Correia, viúva, queixar-se de que indo hoje à horta, propriedade sua, procurar seu filho Mathias Affonso Correia, por lhe parecer que se demorava em vir a casa almoçar, o encontrou morto. Tendo eu com meu Escrivão comparecido no local do sinistro, e com os Facultativos desta freguesia José Pires Barata e Valentim Nunes Carrega, estes disseram que o morto era procedido de uma corga e profunda ferida, que tinha o defunto junto à orelha direita, e que a ferida, ao que lhe parecia, tinha sido feita com um machado. Tendo perguntado à mãe se sabia se seu filho se tinha travado de razões há muito ou pouco tempo com alguém, ela disse que não lhe constava, nem mesmo pude conseguir algumas testemunhas sobre a morte do dito Mathias Affonso Correia. E é o que por agora se me oferece digno de levar ao conhecimento de V.^a Ex.^a e que fiz ciente do ocorrido ao Illmo senhor Juiz Eleito desta freguesia. Deus Guarde a V.^a Ex.

Malpica 27 de Setembro de 1871”

No n.º 176 do Livro de Correspondência com os regedores, da Administração do Concelho, o Administrador do Concelho supôs que o crime não poderia ter sido cometido por um só indivíduo, dada a gravidade do sucedido.

Não podemos deixar de referir que a mãe da vítima não associa logo a morte do filho a João Soares. Essa associação deve ter sido feita mais tarde, possivelmente por sugestão daqueles que presenciaram a rixa no baile.

O registo de óbito fornece-nos o local exacto onde crime ocorreu:

“Aos vinte e sete dias do mês de Setembro do ano de 1871, às 6 horas da manhã numa horta sita à Eira do Milho, limite desta freguesia de S. Domingos do lugar de Malpica, Concelho e Diocese da cidade de Castelo Branco, foi encontrado morto com um golpe de machado na cabeça, um indivíduo do sexo masculino por nome Mathias Affonso Correia, de idade de 22 anos, solteiro, filho legítimo de José Affonso da Gama e Joana Correia, naturais desta freguesia. Não

recebeu os sacramentos da Santa Madre Igreja e foi sepultado no cemitério desta freguesia. E para constar se lavrou este assento em duplicado que assinei: era ut supra.

O Vigário Francisco Pires Ribeiro”.

Pelo que me foi transmitido, João Soares foi acusado e condenado por este crime, tendo sido degredado para África. Contudo, alegou sempre a sua inocência. Nunca desistiu do seu propósito, e ao que consta manteve correspondência com o pároco, clamando por justiça. Joana Correia, ante a dúvida, roga a praga: “*Se não foi o João Soares que o matou, doido se ponha quem matou o meu filho!*”.

Maria Loura e João Afonso Correia casaram a 2 de Setembro de 1874. Conta-se que este, com remorsos, confessou à mulher o homicídio logo na noite de núpcias, impedindo-a de contar o segredo. A relação entre ambos tornou-se cada vez mais insustentável: com certeza, Maria não aguentaria a pressão; entretanto, o Dr. da Tanaza foi enlouquecendo.

Um mês antes do segundo crime a situação já se tornara de tal forma violenta que se tornou motivo de registo oficial:

“Ill.mo Sr. Remeto a V. S.a, João Correia, este capturado e com segurança por 2 cabos de Policia por ter ferido gravemente sua mulher em sua casa e ser encontrado em flagrante delito como o bem sabem as testemunhas Manoel Nunes e Catharina Caldeira, Simão Gamas, Joanna Barrêta, viúva, todos moradores neste freguesia de Malpica e do qual participei ao Sr. Juiz Ordinário da freguesia de Monforte para a formação do Corpo de Delito em conformidade com a Lei; Para que V.ª S.a tenha conhecimento deste facto. Deus Guarde a V. S.a

Malpica 11 de Março de 1878”

“Ex.mo Sr. levo este ao conhecimento de V. S.a que nesta freguesia de Malpica se praticou um facto entre marido e mulher, por nomes João Correia e Maria Loura, e do qual ficou gravemente a mulher ferida e em conformidade com a Lei Sirva-se V. S.a proceder o competente auto de exame: Deus Guarde a V. S.a

Malpica 13 de Março de 1878”

João Afonso Correia põe fim a esta tortura da pior maneira possível:

“Ex.mo Sr. Participo a V. S.a que hoje pelas 2 horas da tarde se praticou um facto entre Maria Loura casada com João Correia, ambos desta freguesia, do qual foi vítima Maria Loura pelo seu marido, que se julga morta, Sirva-se V. S.a com toda a benignidade, vir a esta freguesia para levantar o Corpo de Delito na forma da Lei. Deus. Guarde a V. S.a

Malpica 11 de Abril de 1978.”

“Ill.mo Ex.mo Sr. Remeto a V. S.a João Correia, desta freguesia, capturado, e com segurança por ter morto sua mulher com uma sachola pela cabeça, o qual dito instrumento que serviu para esta morte acompanha com o dito preso; para o auto do Corpo de Delito participei ao Juiz Ordinário da freguesia de Monforte, e portanto queira-me V.a S.a ordenar para se dar sepultura à dita assassinada. Deus Guarde a V. Ex.a.

Malpica 12 de Abril de 1878”

Obtém-se a resposta no ofício n.º 67 de 12 de Abril de 1878:

“Disponha as coisas de maneira que o cadáver de Maria Pires Loura dessa freguesia, seja conduzido para esta cidade, afim de poder estar aqui amanhã no cemitério desta cidade pelas nove horas da manhã para se proceder à autópsia. Devem acompanhar o cadáver as pessoas que possam depor sobre o crime praticado por João Afonso Correia, entrando neste número Manuel Barreira Afonso. Deus guarde.

O Administrador do Concelho. A.N.C. Fevereiro.”

João Correia assassinou a sua mulher, violentamente, na horta das laranjeiras, e pôs-se em fuga; ao saber do ocorrido, o povo amotinou-se e foi no seu encalço. Conta-se que o homicida, transtornado e cercado, não parava de repetir a mesma frase: *“Por causa de ti matei o meu irmão! Por causa do meu irmão, mato-te a ti!”*, desvendando assim o mistério da morte de seu irmão.

Convém ainda esclarecer que a mãe de ambos não morreu quando soube da verdade pela boca do filho, conforme consta no romance, mas sim mais tarde, a 3 de Maio de 1898. Quando o erro

judiciário da condenação de João Soares foi finalmente detetado, era já tarde demais, pois este, passados sete anos em África, havia morrido no degredo.

Há, no entanto, a referir que o padre Manuel Ribeiro nada referiu do homicídio de Maria Loura (tal como fizera seu irmão, o P.e Francisco Pires Ribeiro, que havia falecido em 10 de Fevereiro de 1878); apontou, também, que a morte se deu às onze da noite, havendo lugar para a aplicação do derradeiro Sacramento; tais indícios poderão indicar para que a morte de Maria Loura não tenha sido imediata (pois o regedor refere as duas da tarde como a hora da agressão).

“Aos onze dias do mês de Abril do ano de 1878 pelas onze horas da noite, numa casa sita na rua da Fonte Nova, desta freguesia de S. Domingos do lugar de Malpica, Concelho e Diocese da cidade de Castelo branco, faleceu, tendo recebido o sacramento da Santa Unção, um indivíduo do sexo feminino, por nome Maria Loura, de idade de vinte e quatro anos, casado com João Afonso Correia, filha legítima de José Lopes Pequeno, já defunto, e Joana Dias, naturais desta freguesia, e foi sepultada no cemitério desta mesma freguesia; não deixou filhos nem testamento. Para constar lavrei este assento em duplicado, que assino, era ut supra.

O Pároco encomendado, P.e Manoel Ribeiro.”

Eis tudo o que consegui documentar, provando, assim, que esta tragédia foi verídica, pelo menos nos seus traços mais relevantes.

Domingos Diogo Correia

(Todos os direitos de autor reservados)